

## Uma leitura sobre a *diversidade* em Foz do Iguaçu: o deslizamento da denominação e o silenciamento do corpo

A reading on *diversity* in Foz do Iguaçu: the slippage of denomination and the silencing of the body

Luan Henrique Mendes<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
luanhenriquemendes716@gmail.com

Alexandre Sebastião Ferrari Soares<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE  
asferraris1901@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo discutir a denominação *diversidade* sobre Foz do Iguaçu a partir de uma faixa de pedestres com as cores da bandeira LGBTQIAPN+. A faixa pintada e apagada no bairro central da cidade, pela passagem do Dia Nacional da Visibilidade Trans (29 de janeiro), funciona como materialidade significativa e traz à tona corpos historicamente marginalizados e silenciados, desestabilizando os sentidos até então presentes no espaço urbano. O referencial teórico tem como base a Análise de Discurso de orientação francesa (Courtine, 2014; Indursky, 2007, 2008; Orlandi, 2004, 2015; Pêcheux, 2014, entre outros) e contribuições da Teoria Queer (Butler, 2003; Preciado, 2000). O *corpus* analisado foi constituído de comentários de internautas em uma publicação do *Facebook* pela página *Oops Notícia Foz Nã Hora*. Por meio da análise das sequências discursivas, foi possível identificar o funcionamento dos processos discursivos dos sujeitos, resultado de relações de forças ideológicas entre formações discursivas conservadoras, heteronormativas e homofóbicas e seus efeitos de sentidos a partir das materialidades linguísticas e discursivas.

**Palavras-chave:** LGBTQIAPN+; Diversidade; Corpo; Cidade; Narratividade urbana.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the use of the term diversity in relation to Foz do Iguaçu, based on a crosswalk painted with the colors of the LGBTQIAPN+ flag. The crosswalk, which was painted and later erased in the central neighborhood of the city for Brazil's National Day of Trans Visibility (January 29), serves as a meaningful materiality that brings historically marginalized and silenced bodies to the surface, destabilizing previously dominant meanings in the urban space. The theoretical framework is grounded in French Discourse Analysis (Courtine, 2014; Indursky, 2007, 2008; Orlandi, 2004, 2015;

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Discursivos: Memória, Sujeito e Sentido), área de concentração Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – PR). Desenvolve pesquisas no campo da Análise de Discurso materialista. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2006) e pós-doutorado pela Universidade de Coimbra (2014). Professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE- PR). Atua na área de Linguística, com ênfase em Análise de Discurso materialista.

Pêcheux, 2014, among others) and draws from Queer Theory (Butler, 2003; Preciado, 2000). The analyzed corpus consists of comments from internet users on a Facebook post published by the page Oops Notícia Foz Ná Hora. Through the analysis of discursive sequences, it was possible to identify the functioning of discursive processes in subjects, resulting from ideological force relations between conservative, heteronormative, and homophobic discursive formations, and their effects of meaning produced through linguistic and discursive materialities.

**Keywords:** LGBTQIAPN+; Diversity; Body; City; Urban narrativity.

## Considerações iniciais

A denominação <sup>3</sup> *diversidade* é, assim como qualquer outra denominação, um significante de muitos sentidos, esses se constituem historicamente, atravessados por diferentes formações discursivas, segundo as condições de produção que os sustentam. Em uma busca simples em um dicionário<sup>4</sup> de língua portuguesa, como o *Michaelis*, por exemplo, podemos encontrar significados que vão desde a ideia de *qualidade do que é diverso* até noções de *desacordo* e *divergência*. Esse movimento de sentidos amplia-se quando a *denominação* é associada a outras denominações como *diversidade cultural*, *étnica*, *religiosa* ou *social*, evidenciando a multiplicidade de sentidos e implicações deste significante.

Na linguagem cotidiana e nos discursos vigentes, *diversidade* é frequentemente relacionada à pluralidade de identidades, ao respeito pelas diferenças e à promoção de uma sociedade inclusiva. No entanto, quando olhamos para os discursos dominantes, especialmente em formações discursivas jornalísticas, percebemos que os sentidos de *diversidade* não são neutros. Em vez disso, eles são atravessados por disputas de sentidos, frequentemente sendo desconstruídos ou manipulados para reproduzir a exclusão ou marginalização. O uso da denominação *diversidade* por movimentos sociais, especialmente pelo movimento LGBTQIAPN+, exemplifica essa apropriação do conceito, que, longe de ser unânime, tem se tornado lugar de resistência, representatividade e reivindicação por direitos e reconhecimentos sociais.

O presente estudo busca explorar o funcionamento discursivo da denominação *diversidade* na cidade de Foz do Iguaçu, focando particularmente nas tensões e contraditórias formas de sua recepção e gestos de interpretação pelos sujeitos que nela habitam, circulam. A cidade, que se apresenta como *multicultural*, revela, na prática, um cenário de disputas entre discursos inclusivos e conservadores. Para tanto, analisaremos os discursos urbanos sobre diversidade a partir de uma fissura na cidade: a pintura de uma faixa com as cores da bandeira LGBTQIAPN+<sup>5</sup>, e os comentários em um *post* no Facebook relacionados a essa ação, uma

---

<sup>3</sup> Denominar não é apenas um aspecto do caráter de designação das línguas. Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discurso [...] (Mariani, 1998, p. 118, apud Ferrari; Medeiros, 2012, p. 84).

<sup>4</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diversidade/>. Acesso em: 15 maio 2025.

<sup>5</sup> A imagem da faixa no meio da rua, a partir da contradição constitutiva do equívoco, da fissura que ela representa na narratividade urbana, funciona como uma materialidade significativa, nos termos de Lagazzi, “a imagem, na relação entre sua materialidade significativa e a história, abre para a possibilidade deslocamento e expõe o sujeito aos sentidos, abrindo para diferentes processos de identificação” (2010, p. 181).

espécie de desdobramento da pesquisa realizada por Vedovato e Mendes (2023). Esses enunciados não apenas materializam a resistência a essa forma de inclusão, mas também desvelam a manutenção de uma normatividade social que marginaliza corpos e sujeitos dissidentes.

Por meio da Análise de Discurso de orientação francesa, buscaremos identificar como as práticas discursivas que circulam na cidade não só revelam as tensões presentes no tecido social, mas também como a *diversidade* é utilizada tanto para legitimar como para deslegitimar sujeitos e grupos sociais. A partir dessa perspectiva, o objetivo deste artigo é entender como a denominação *diversidade* se desloca e torna possível compreender as relações de forças ideológicas, a inclusão e a resistência na cidade de Foz do Iguaçu, com especial atenção às narrativas e reações sobre a comunidade LGBTQIAPN+.

A importância deste estudo reside na necessidade de compreender as dinâmicas de produção de efeitos de sentidos sociais e culturais em uma cidade como Foz do Iguaçu, que se apresenta como *multicultural*, mas ao mesmo tempo é marcada por disputas quanto à aceitação de diferentes sujeitos. Ao refletirmos sobre a discursivização da denominação *diversidade* em contextos urbanos e nas interações cotidianas, buscamos iluminar as formas como discursos discriminatórios e conservadores ainda permeiam as relações sociais.

Ademais, nos debruçamos brevemente sobre as condições de produção da cidade de Foz do Iguaçu, tendo em vista a sua complexidade e os arranjos dos espaços urbanos nela presentes. De igual modo, discorreremos sobre as relações entre cidade e discurso, espaço urbano e narratividade urbana e, subsequentemente, analisamos o *corpus* constitutivo da materialidade discursiva do presente trabalho. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

### **Foz do Iguaçu: a cidade da *diversidade*, da tríplice fronteira e do polo turístico**

Foz do Iguaçu é uma cidade localizada no extremo oeste do Estado do Paraná, no Sul do Brasil. Com uma área territorial de 609,192km<sup>2</sup> e paisagens marcadas pela combinação de rios, florestas, quedas d'água e área urbanizada, a cidade se destaca por sua localização na Tríplice Fronteira, fazendo divisa com o Paraguai e a Argentina. A conexão entre os países é facilitada pelas pontes da Amizade (Brasil-Paraguai) e Tancredo Neves (Brasil-Argentina).

De acordo com estimativas do IBGE<sup>6</sup> para o ano de 2024, a população de Foz do Iguaçu alcançou a marca de 295.500 habitantes.

Foz do Iguaçu, além de ser um polo turístico, é também um lugar marcado por uma gama de atrações que refletem a riqueza cultural e natural da cidade. Entre seus pontos turísticos mais emblemáticos estão a Usina Hidrelétrica de Itaipu, uma das maiores hidrelétricas do mundo em geração de energia; o Marco das Três Fronteiras, onde os rios Iguaçu e Paraná se encontram, marcando as divisas entre Brasil, Paraguai e Argentina; e outros locais como o Parque das Aves, o Templo Budista Chen Tien e a Mesquita Omar Ibn Al-Khattab. Contudo, o maior destaque da cidade são as Cataratas do Iguaçu, localizadas dentro do Parque Nacional do Iguaçu, um ícone natural que atrai visitantes do mundo todo.

Segundo portais digitais e sites de viagem da cidade, como H2FOZ<sup>7</sup> e *Visit Iguassu*<sup>8</sup>, Foz do Iguaçu é denominada como um espaço *multicultural*, onde coexistem habitantes, visitantes e transeuntes de diversas partes do Brasil e do mundo. Nesse contexto, a Diretoria de Direitos Humanos atua como órgão responsável pelo relacionamento e comunicação com organizações e comunidades dentro do município.

Assim sendo, nas mídias hegemônicas, são produzidos efeitos de sentidos que representam Foz do Iguaçu como uma cidade plural e multicultural, principalmente no que se refere ao aspecto socioeconômico. Isso se deve ao fato de o turismo internacional ser um motor que movimenta a economia da cidade por meio de diversos setores, como hotelaria, gastronomia, comércio e o mercado em geral. Essa construção discursiva pode ser observada em manchetes como “Explore as experiências culturais em Foz do Iguaçu”; ou mesmo “Foz do Iguaçu, cidade multicultural desde a origem”.

No entanto, a iniciativa do então prefeito da cidade de Foz do Iguaçu, Francisco Lacerda Brasileiro (conhecido como Chico Brasileiro), de pintar uma faixa de pedestres com as cores do arco-íris - em alusão à bandeira da comunidade LGBTQIAPN+ - pareceu abrir uma fissura bem no meio da rua. A faixa estava localizada no bairro central da cidade, mais precisamente na Rua Benjamin Constant, uma área urbana onde se encontram diversos setores da burguesia local, incluindo escritórios médicos, advocatícios e de estética, entre outros.

A faixa foi percebida como uma afronta à moral e aos bons costumes por cidadãos conservadores contrários à sua pintura (Vedovato; Mendes, 2023). Em um movimento de censura e repúdio, muitos expressaram sua indignação nas redes sociais, tecendo comentários

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html>. Acesso em: 27 mar. 2025.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.h2foz.com.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.iguassu.com.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

que reforçam essa posição. Assim, pensar a *diversidade* em um espaço urbano significa, sobretudo, transitar pelos efeitos de sentidos que emergem de sua materialidade – efeitos esses que são regulados e (re)produzidos por discursos dominantes vinculados a determinadas formações discursivas, buscando instaurar uma aparente unicidade institucionalizada, estabilizada.

Diante desse cenário de disputas discursivas e relações de forças ideológicas em torno da *diversidade* em Foz do Iguaçu, torna-se necessário mobilizar um arcabouço teórico capaz de dar conta dessas tensões. Para isso, recorreremos à Análise de Discurso de orientação francesa, que nos permite compreender como se dão os processos discursivos e a produção de sentidos na relação entre língua, sujeito e ideologia.

### **Da materialidade ao sentido: passos metodológicos na análise de discurso**

A fundamentação teórica deste trabalho se inscreve no campo da Análise de Discurso materialista de linha francesa. Situando-se na transversalidade entre diferentes campos disciplinares – Marxismo, Psicanálise e Linguística –, a Análise de Discurso se constitui “[...] no entremeio das disciplinas e as afeta em seus métodos de interpretação, na medida em que articula linguagem com ideologia, praticando a análise de suas materialidades” (Orlandi, 2017).

Com base em sua perspectiva materialista, a Análise de Discurso compreende a linguagem como fruto do trabalho humano, em que o trabalho simbólico do discurso opera como “base da produção da existência humana” (Orlandi, 2015, p. 13). Assim, estabelece-se uma relação entre discurso, sujeito e história. No entanto, essa relação não se dá de maneira transparente, pois, conforme Pêcheux (2014), os sentidos produzidos pelos significantes são sempre determinados pelas condições de produção de uma formação social específica – na ordem atual e vigente, a capitalista –, bem como pelos processos discursivos e ideológicos que colocam os significantes em circulação no e pelo discurso.

Assim, concebemos o discurso, nos termos de Michel Pêcheux, como 'efeitos de sentido entre locutores' (Pêcheux, 1997 [1969]). Além disso, segundo Orlandi (2015), a Análise de Discurso, por meio de seu dispositivo teórico de análise, possibilita a descrição e a prática de gestos de interpretação da materialidade linguística, buscando estabelecer as filiações de sentidos – isto é, a relação entre os sujeitos e a memória discursiva (o

interdiscurso). Esse processo opera, desde o princípio, com a opacidade da língua e dos sentidos, recusando, portanto, a ideia de transparência na linguagem.

Além disso, para refletirmos sobre a produção de efeitos de sentidos entre os sujeitos, é fundamental considerar as condições de produção dos discursos sob a perspectiva do materialismo histórico. Esse viés teórico leva em conta as constantes transformações do mundo material ao longo da história, bem como os tensionamentos e contradições que constituem os processos de significação (Orlandi, 2017). Os sentidos emergem a partir de formações discursivas específicas, que regulam o que pode ou não ser dito (Pêcheux, 1997 [1969]). No entanto, a noção de formação discursiva não é fixa nem engessada, estando sempre em movimento.

Embora a produção de sentidos dependa da interpelação ideológica – processo de assujeitamento do sujeito –, na qual se articulam a forma-sujeito e as posições-sujeito em relação aos saberes dominantes dentro de uma formação discursiva (Pêcheux, 2014), há sempre, evidentemente, a possibilidade de desidentificação ou contra-identificação. Conforme Freda Indursky (2008), as formações discursivas não são homogêneas; pelo contrário, possuem um caráter contraditório que lhes é constitutivo. Desse modo, configuram-se como espaços de tensões, disputas, alteridade, divergência e heterogeneidade (Indursky, 2007).

Essa contradição no interior das formações discursivas é essencial para analisarmos os sentidos da *diversidade* e outros discursos (re)produzidos na cidade, observando como diferentes processos discursivos disputam sua significação e materializam-se na cidade.

### **O discurso urbano e a materialidade da cidade: entre a repetição, a ruptura e o equívoco**

Torna-se, então, necessário discutir a relação entre cidade e discurso, bem como as relações de forças ideológicas que atravessam o espaço urbano, considerando que tanto as cidades quanto os sujeitos que nelas circulam se constituem mutuamente por meio do discurso. Essa relação produz efeitos de sentidos sobre a materialidade urbana, composta por corpos, textos e formas, que, conforme Orlandi (2004), operam como manifestações do discurso. Essas materialidades atuam como lembretes da memória discursiva (Orlandi, 2012) e do interdiscurso, mobilizando gestos de interpretação dos sujeitos a partir da historicidade, da memória e do simbólico.

Na obra *Cidade dos Sentidos* (2004), Eni Orlandi discute os discursos urbanos, tomando a cidade como um espaço atravessado e constituído por distintos discursos e 'jogos

de interpretação' (Orlandi, 2004), a partir de sua materialidade constitutiva: ruas, edifícios, monumentos, praças, grafites, anúncios publicitários, bem como os corpos dos sujeitos que nela circulam e, por vezes, tencionam, por meio da interpretação do simbólico, os sentidos, contestando-os, (re)produzindo-os e (res)significando-os. Por esse prisma, a cidade deixa de ser apenas um cenário, uma paisagem, ganhando, assim, vida e movimento.

Ainda em relação à materialidade significativa da cidade, Orlandi (2004) se debruça sobre o seu real. De acordo com a autora, o real da cidade não se reduz apenas à sua materialidade concreta, ou seja, prédios, ruas, edifícios etc., estando, em primeira instância, ligado ao que escapa à repetição, ao clichê e ao estereótipo. É necessário, desse modo, deslocar-se do “interior de uma formação discursiva instalada por um certo imaginário” (Orlandi, 2004, p. 25) para analisar a relação dessa formação com o real. Para tanto, Orlandi mobiliza a noção de quantidade:

a quantidade é uma concentração apreciável de seres, objetos e acontecimentos em um mesmo espaço, com convergências e divergências entre suas unidades (seres, objetos, acontecimentos). Para domesticar essa noção de quantidade/concentração de seres na cidade, os dicionários usam preferivelmente a palavra “conjunto” (Orlandi, 2004, p. 23).

O real da cidade está, portanto, ligado ao que resiste à denominação e ao que persiste como traço da memória discursiva e da história. No entanto, o urbanismo tende a se sobrepor ao real da cidade, funcionando por meio do consenso e da opinião pública, mas sempre sujeito a falhas, rupturas e fissuras que possibilitam novas interpretações e produções de sentidos (Orlandi, 2004). Para além disso, conforme Rodríguez-Alcalá (2014), os aspectos arquitetônicos da cidade seriam responsáveis, em suas disposições, pela separação entre espaços públicos e privados, dividindo e segregando, física e simbolicamente, o espaço urbano.

Portanto, voltemos à faixa de pedestres. A pintura da faixa evidencia a fissura e a ruptura que se abrem no meio da rua. Conforme Vedovato e Mendes (2024), o corpo e a existência de outros corpos performáticos formam uma fissura na segurança da leitura estabelecida ao trazerem para o campo do visível o que está à margem: a comunidade LGBTQIAPN+. A faixa, fora de suas cores convencionais, funciona como algo que escapa à ordem do espaço urbano e, de certo modo, representa um lembrete para a comunidade LGBTQIAPN+.

Em vista disso, deparamo-nos com algumas questões norteadoras, a saber: Como as manifestações artísticas e/ou performáticas, como a pintura da faixa de pedestres, desafiam ou

reforçam as normas estabelecidas na cidade? Como o discurso dominante da narratividade urbana contribui para a construção ou apagamento da história e das memórias de grupos marginalizados, bem como de seus movimentos sociais? De que forma as condições de produção sustentam os discursos que constituem os comentários? Como se dá a relação dos sujeitos com a *diversidade* dentro da cidade perante a resistência de diferentes sujeitos e grupos sociais?

### **O *corpus*: pintura/remoção de faixa de pedestres no centro da cidade**

É considerando o modo como os sujeitos arranjam e discursivizam outros sujeitos, bem como os jogos de interpretação (Orlandi, 2004) mobilizados pela narratividade urbana em Foz do Iguaçu, que analisamos os dizeres preconceituosos, excludentes, silenciadores e apagadores direcionados à comunidade LGBTQIAPN+. Investigamos, ainda, os efeitos desses discursos na produção de sentidos sobre a faixa de pedestres com as cores da bandeira LGBTQIAPN+.

A materialidade discursiva do *corpus* é composta por recortes de comentários, aqui compreendidos como sequências discursivas (Courtine, 2014), extraídos de uma página de divulgação de notícias no *Facebook*, chamada *Oops Notícia Foz Ná Hora*<sup>9</sup>. O *post* selecionado refere-se ao anúncio da pintura da faixa de pedestres em homenagem ao Dia da Visibilidade Trans (29 de janeiro). A faixa foi pintada em 25 de janeiro de 2022, inicialmente com um caráter experimental de três meses, mas acabou sendo removida já no dia 9 de fevereiro de 2022, menos de uma semana depois.

---

<sup>9</sup> Não lidaremos com o *Facebook* enquanto plataforma (mídia digital), mas entendemos que se trata de um lugar em que os sujeitos se sentem confortáveis em manifestar-se de forma não restrita, não inibitória e, de algum modo, esquecendo do possível cerceamento jurídico.

Figura 1 - Publicação com informações sobre pintura da faixa no *Facebook*.



Fonte: Página *Oops Notícia Foz Ná Hora* no Facebook<sup>10</sup> (2022).

Apesar da rápida remoção, o tempo foi suficiente para que alguns sujeitos se dirigissem ao *post* de grande circulação na cidade, a fim de tecer comentários desfavoráveis e contrários à pintura. Afinal, o que gerou o inconformismo e o descontentamento da população iguaçuense: a faixa ou os sujeitos por ela representados? Para responder à tal pergunta, referenciamos Vedovato e Mendes (2024), que afirmam que:

A existência de outros corpos performáticos abre uma fissura na segurança da leitura estabelecida e traz para o campo do visível o que está à margem. Seria a faixa o objeto de incômodo? Tendemos a responder de maneira simplória que não. No entanto, ela tornava o simbólico em político e, ao fazê-lo, expunha a relação da cidade com os sujeitos: quais podem transitar livremente sem serem interditados e quais precisam ser apagados. O apagamento da faixa sob o arcabouço da moralidade [...] é a tentativa da interdição do dizer e do próprio sujeito do dizer (p. 507-508).

<sup>10</sup> *Post* e imagem da faixa de pedestres contendo informações acerca de sua pintura no Facebook. Disponível em: [https://m.facebook.com/profile.php?id=100063668915521&name=xhp\\_nt\\_\\_fblite\\_\\_profile\\_\\_tab\\_bar](https://m.facebook.com/profile.php?id=100063668915521&name=xhp_nt__fblite__profile__tab_bar). Acesso em: 30 mar. 2025.

Pensando nas relações entre cidade e discurso, narratividade urbana e sujeitos, é possível observar, por meio dos comentários (enunciados), o funcionamento do simbólico que se materializa no texto. Isso permite analisar a relação entre os dizeres dos sujeitos e a materialidade significativa da cidade (o real), considerando as forças ideológicas dominantes que atravessam esse espaço. Num primeiro momento, temos as seguintes sequências discursivas<sup>11</sup>:

**Sequência discursiva 1** - Acredito q ninguém precisa de homenagem por sua sexualidade ou suas escolhas isso é problema de cada um e cada um deve se dar o respeito e saber q sexo ou qualquer gesto q simule o mesmo deve ser repreendido se for em público seja hétero ou BI o povo merece respeito não precisa enaltecer esse tipo de coisa só traz mais problemas.

**Sequência Discursiva 2** - Sexualidade não precisa ser homenageada, ou por um acaso os héteros são homenageados? Cada um que cuide da sua, ninguém precisa saber da sua opção sexual.

Logo na sequência discursiva 1, observa-se o enunciado: “ninguém precisa de homenagem por sua sexualidade ou suas escolhas”. Os significantes “sexualidade” e “escolhas” produzem efeitos de sentidos ligados à denominação *opção sexual*, sugerindo que gênero e sexualidade seriam decisões individuais. Essa formulação desconsidera debates consolidados na Teoria Queer (Butler, 2003; Preciado, 2000) e nos Estudos de Gênero, que defendem o uso da denominação *orientação sexual* como conceitualmente mais adequada. O sujeito, ao supostamente lançar para o outro a condição de escolha, mostra, na superfície linguística, que coaduna com discursos responsáveis por debates homogêneos sobre gênero, ou ainda, faz coro ao fato de que possa até existir, mas não na ordem do visível, apreensível, público.

Em seguida, observa-se a recorrência do enunciado “cada um”, que também aparece na sequência discursiva 2. Ao mobilizá-lo, o sujeito busca deslocar os sentidos públicos da cidade para a esfera privada, reduzindo a questão a uma escolha ou opinião individual. Esse movimento discursivo acaba por relegar as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ ao espaço do íntimo, entre quatro paredes, afastando-as simbolicamente da visibilidade pública e, consequentemente, dos espaços urbanos.

Além disso, a expressão “sexo ou qualquer gesto que o simule” revela os efeitos do simbólico da faixa sobre o sujeito. A materialidade da pintura atravessa seu discurso, levando-

<sup>11</sup> Destacamos que as sequências discursivas analisadas no presente trabalho não sofreram nenhum tipo de alteração ou edição. Portanto, encontram-se com a grafia conforme retirada da rede social.

o a associá-la a sexo, promiscuidade e devassidão - elementos que, segundo ele, deveriam ser “repreendidos”.

Destacamos, ainda, o enunciado: “o povo merece respeito”. Conforme Orlandi (2004), a noção de “povo”, dentro da narratividade urbana, é atravessada por disputas ideológicas que ora produzem efeitos de sentidos de homogeneidade e idealização, ora evidenciam a multiplicidade de sujeitos e interesses. Essa noção não é neutra, mas está historicamente vinculada à memória discursiva e à relação dos sujeitos com o espaço urbano. Trata-se, assim, de uma projeção do sujeito sobre seu lugar no futuro, mediada pelos saberes e práticas ideológicas do discurso político de ordem burguesa (Orlandi, 2004, p. 29).

Já os enunciados “não precisa enaltecer” e “só traz mais problemas” evidenciam um posicionamento de rejeição à pintura da faixa, reforçando a indignação diante da visibilidade conferida à comunidade LGBTQIAPN+ no espaço público. Na sequência discursiva 2, surgem novamente os dizeres “sexualidade não precisa ser homenageada” e “opção sexual”, além de “cada um” e, em oposição, “ninguém” (“todos somos iguais”, logo “ninguém” precisa de homenagem). Esses enunciados reforçam os mesmos efeitos de sentidos individualistas que tentam apagar a visibilidade pública da comunidade LGBTQIAPN+, tratando a sexualidade como uma “opção” pessoal e não como uma construção social e política.

Adicionalmente, a sequência discursiva 2 insinua uma possível homenagem aos héteros, um dizer que será explorado mais adiante, nos próximos comentários, à medida que analisamos a forma como a heteronormatividade emerge no debate:

**Sequência Discursiva 3** - Pergunto ao Prefeito quando vão fazer uma homenagem a nós héteros, direitos humanos iguais.

**Sequência Discursiva 4** - Todos são cidadãos indiferente de suas escolhas sexuais não é uma faixa colorida que vai mudar isso parem de tentar dividir o povo somos todos humanos.

O enunciado “homenagem a nós héteros”, presente na sequência discursiva 3, caracteriza-se como uma ilusão de simetria discursiva, na qual há uma ideia subjacente de que, se de um lado existe uma denúncia de opressão referente à comunidade LGBTQIAPN+, que levou à pintura da faixa em sua homenagem, evidenciando, por meio do simbólico, uma denúncia da opressão social por ela sofrida, de igual modo haveria a necessidade de reivindicação do grupo dominante por um sofrimento equivalente. No entanto, as condições

materiais e históricas de produção não são iguais entre os héteros, corpos performáticos da ordem da heteronormatividade (Butler, 2003), e os sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+.

Os efeitos de sentidos mobilizados pela suposta “homenagem aos héteros” se apoiam na inversão da acusação, sem nenhuma base socioestrutural equivalente. Assim, o que se tem é o que Pêcheux (2014) chamou de “gesto de contra-interpretação”, que opera, diante de um discurso de denúncia da opressão, pela formação discursiva dominante, que reage na tentativa de esvaziar os efeitos políticos de lutas sociais. Em vez de admitir a existência de uma estrutura desigual, surge a premissa de uma falsa equivalência para neutralizar a crítica, apagando os conflitos de desigualdade.

Ademais, na sequência discursiva 4, os dizeres “Todos são cidadãos” e “somos todos humanos” derivam do sujeito universal (Courtine, 2014), mais especificamente do sujeito do direito em Althusser (2008). O Direito, conforme Althusser (2008, p. 85), “é válido para – e pode ser evocado por – toda pessoa juridicamente definida e reconhecida como pessoa jurídica”. Ao retomar o sujeito universal (por meio do significante “todos”), o sujeito do comentário, sob a defesa de “somos todos iguais/seres humanos”, desloca-se das relações de gênero para as relações de classe (Vedovato; Mendes 2024), visando desvalidar e negar a importância da pintura para as pessoas trans, especialmente no contexto do dia de comemoração da sua luta.

**Sequência discursiva 5** - Bom que no dia dos pais vai ser azul, e no dia das mães vão ser Rosa!

**Sequência Discursiva 6** - Vem ser trans você também!

**Sequência Discursiva 7** - quem passar nessa faixa já podemos desconfiar Masculinidade frágil

**Sequência Discursiva 8** - O pedestre vai ter que atravessar dando pulinhos ou pode andar normal?

A sequência discursiva 6, ao mobilizar o simbólico das cores rosa e azul, retoma saberes dominantes de uma formação discursiva conservadora. Ao usar os significantes “pai” e “mãe”, o sujeito reforça a noção de família nuclear heteronormativa, entendida como responsável pela reprodução da prole e pelo fortalecimento das relações de produção dentro do sistema capitalista (Althusser, 2008). A associação da cor azul ao “pai” e da cor rosa à “mãe” é um exemplo claro dessa visão binária de gênero, similar ao discurso de Damares

Alves, produzido em 2019<sup>12</sup>, logo após sua nomeação como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, durante um evento religioso. Em seus dizeres, Damares reforçou a ideia de uma estrutura familiar rigidamente definida, com base em normas heteronormativas, consolidando a noção de uma família tradicional como ideal.

Ao associar simbolicamente o azul à figura paternal (masculina) e o rosa à figura maternal (feminina), os efeitos de sentidos evocam a noção essencialista/biologicista e binária de gênero (Butler, 2003), sugerindo que a faixa deveria seguir normas rígidas de identificação de gênero, reforçando, assim, a heteronormatividade. Outras marcas das relações e performances de gênero se materializam nas sequências discursivas 7, 8 e 9. Na sequência discursiva 7, ao enunciar “vem ser trans você também”, o sujeito lança uma convocação irônica e provocativa, convidando os leitores a adotarem a transexualidade, o que novamente a evoca como uma escolha ou opção, e não como uma vivência legítima e complexa dos sujeitos, novamente se encaixando em uma mesma formação discursiva conservadora.

Na sequência discursiva 8, o enunciado “quem passar nessa faixa já podemos desconfiar” está intimamente relacionado à ideia de uma heteronormatividade frágil, pois, segundo o sujeito, a presença da faixa colocaria em dúvida a sexualidade de quem a atravessa. Butler (2003) afirma que o gênero é uma performance. Nesse sentido, ao pensarmos na masculinidade, por exemplo, ela se configura dentro de uma série de práticas que a sustentam e que precisam ser constantemente reafirmadas para evitar a “feminização”.

Assim, a fragilidade da masculinidade está diretamente ligada à negação do “outro” (o feminino, o *queer*, o trans), visto como um desvio ou ameaça à identidade masculina hegemônica. Nessa batida, para ser um homem é necessário cumprir uma série de requisitos, como por exemplo, ensinar o que é ser homem, não chorar, não ser frágil, não concordar com debates de gênero, nem mesmo atravessar a faixa.

Em seguida, temos a sequência discursiva 9, na qual a mobilização de “dando pulinhos” remete, no fio condutor do discurso, a efeitos de sentidos jocosos e pejorativos sobre os sujeitos gays, agregando-lhes um “jeito gay de se movimentar”. Somado a isso, temos “andar normal”, que reafirma/reforça, uma vez mais, a heteronormatividade, marcando o outro (gay) como desviado da norma e legitimando um único modo de performar masculinidade.

---

<sup>12</sup> Damares e a “nova era”: “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 08 abr. 2025.

**Sequência discursiva 10** - Se vc passar na faixa pisando forte, é considerado violência transfóbica nao binaria fluido master plus violentador de amigos?

**Sequência discursiva 11** - Isso! Vão brincando de “elu delu”, enquanto outros países do mundo brincam de coisas sérias. Kkkkk

Nas sequências discursivas 10 e 11, fica ainda mais clara a relação dos sujeitos que circulam pela cidade de Foz do Iguaçu com a *diversidade* ali existente. Primeiramente, o sujeito da sequência discursiva 10 faz o seguinte questionamento: “Se vc passar na faixa pisando forte, é considerado violência nao binaria fluido master plus violentador de amigos”. O enunciado, dotado de ironia e exagero, busca ridicularizar questões voltadas à LGBTQIAPN+fobia e, simultaneamente, à linguagem inclusiva. O enunciado “nao binaria fluido master plus violentador de amigos” satiriza termos fortemente utilizados em debates sobre diversidade, insinuando que qualquer atitude poderia ser vista como um ato de violência, tornando as preocupações da luta contra transfobia absurdas e exageradas.

Materializa-se, novamente, a ridicularização da linguagem inclusiva no enunciado “vão brincando de ‘elu delu’” da sequência discursiva 11. A formulação “enquanto outros países do mundo brincam de coisas sérias” opera na ordem do depreciativo e da deslegitimação dos corpos não-binários. Conforme Melo (2024), a forma pronominal de 3ª pessoa mais utilizada por pessoas não-binárias na língua portuguesa é “elu”, que evita a marcação de gênero binário. Dessa maneira, cria-se a categoria de gênero “neutro” (do ponto de vista linguístico) ou de gênero inclusivo (sob uma perspectiva político-social). Desse modo:

Quando esses sujeitos optam por utilizar o pronome neutro-inclusivo-não-binário não se trata de uma afronta à gramática normativa e aos puristas defensores das regras da “norma padrão da língua”, senão que a aplicação do direito básico de existir e da defesa de que não há um único lugar-espaco onde estes sujeitos querem ser-estar e se estabelecerem, ou seja, não há um território corporal com fronteiras bem delimitadas no qual os sujeitos se estabilizam normativamente de acordo com as regras da categoria sexo gênero (Melo, 2024, p. 267).

Portanto, em oposição à “seriedade”, temos a “brincadeira”, reforçando o caráter trivial e fútil da luta da comunidade LGBTQIAPN+ enquanto movimento social, e mesmo a disputa pela língua, além de reforçar um discurso normativo que reafirma uma hierarquia de prioridades sociais, desviando o foco das lutas sociais para saberes e práticas de uma formação discursiva conservadora. Como afirma Judith Butler: “uma distinção entre vidas dignas de serem vividas e vidas que devem ser destruídas” (Butler, 2003, p. 42).

Por fim, analisamos as seguintes sequências discursivas:

**Sequência Discursiva 12** - Estas atitudes não tem objetivo nenhum de criar empatia mas sim de dividir ainda mais a sociedade ...estratégia comunista elaborada e executada com primazia ...basta ver as reações ... respeito se adquire não se impõe.

**Sequência Discursiva 13** - Esse comunista ao invés de cuidar da cidade ,tá expondo seu lado “uiuiui” pra fora... ridículo...

Ainda que a denominação *diversidade* não apareça diretamente nomeada, na sequência discursiva 12 é possível observar as disputas de sentidos, aqui, fortemente atrelados a uma suposta divisão social, característicos de uma formação discursiva conservadora que rejeita manifestações públicas de diversidade como parte de uma disputa simbólica por espaço e visibilidade. Os enunciados “não tem objetivo nenhum de criar empatia” e “mais sim de dividir ainda mais a sociedade” materializam a oposição entre empatia e divisão, afirmando um efeito negativo desta e, ao mesmo tempo, negando os possíveis efeitos daquela.

Opera, então, nesse sentido, a noção de uma formação social que já se encontra dividida, na qual a pintura apenas acentuaria a divisão. Isso se dá, pois esses discursos se apoiam na ideia de uma formação social originalmente homogênea e harmoniosa, que estaria sendo perturbada por manifestações de grupos historicamente marginalizados. Enquanto a *diversidade*, simbolicamente representada pela pintura da faixa de pedestres pode ser tomada (por alguns) como um gesto de diversidade e representatividade, também pode ser ressignificada como um ato de fragmentação a partir da posição enunciativa do sujeito do dizer.

A última parte da sequência discursiva 12 “respeito se adquire, não se impõe” desloca a questão da diversidade para a meritocracia, tornando o respeito algo a ser adquirido e não imposto. Sendo assim, o enunciado implica no sentido de que a comunidade LGBTQIAPN+ deveria encontrar outros caminhos para além de uma intervenção simbólica em um espaço público, e não se ancorar em ações afirmativas como a da faixa. Esse tipo de dizer, novamente, apaga as desigualdades estruturais que historicamente negaram o respeito como uma conquista individual, e não como um direito coletivo.

Entre as sequências discursivas 12 e 13, há um enunciado enormemente utilizado por formações discursivas conservadoras: a ameaça e o “inimigo” comunista operando na ordem do dia (Courtine, 2014). Os enunciados “estratégia comunista elaborada e executada com primazia” e “Esse comunista ao invés de cuidar da cidade”, referentes ao até então prefeito de Foz do Iguaçu e sua gestão, associa movimentos sociais de resistência ao projeto político

comunista, discurso esse recorrente no Brasil, principalmente durante a ditadura militar, evocando medo ou resistência a supostas estratégias de “dominação ideológica”. O enunciado “basta ver as reações” convoca o interlocutor a aceitar essa interpretação como evidente, conduzindo os sentidos rumo à neutralização da ideia de que a estratégia teria sido bem-sucedida.

### Considerações finais

Como é possível depreender ao longo do trabalho, os efeitos de sentidos do significante *diversidade*, sob determinadas condições de produção e processos discursivos, são de exclusão, não pertencimento, silenciamento e apagamento. Esses efeitos de sentidos materializam no discurso a relação dos sujeitos com a *diversidade* em Foz do Iguaçu a partir das relações de forças ideológicas que organizam a narratividade urbana, na tentativa de produzir efeitos de unicidade em torno da cidade, regulando quais corpos podem/devem ser significados e representados pela/na cidade, e quais não.

Os processos discursivos que organizam a cidade funcionam dentro de relações de forças ideológicas a partir de formações discursivas conservadoras, cisheteronormativas, preconceituosas que regulam o discurso urbano e reproduzem dizeres que deslegitimam, marginalizam e silenciam os efeitos de sentidos produzidos pela faixa, sendo essa uma fissura que traz à tona o real da cidade: aquilo que escapa ao convencional, estabilizado, resistindo simbolicamente aos discursos institucionalizados.

É a partir da pintura da faixa de pedestres enquanto materialidade significativa que podemos perceber as disputas de sentidos que se estabelecem em torno de sujeitos por ela representados em uma rua pública. O apagar da faixa é o apagar da existência de corpos que não se enquadram na ordem da cisheteronormatividade em Foz do Iguaçu, sendo o esquecimento a base para tal apagamento. Apesar de Foz do Iguaçu ser fortemente denominada uma cidade da *diversidade*, o que se percebe na materialidade discursiva é uma constante tentativa de silenciar, abafar e marginalizar os sujeitos que foram representados pela faixa: os sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

Em vídeo, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. **Portal G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2025.

Explore as experiências culturais em Foz do Iguaçu. **Visit Iguassu**, 2025. Disponível em: <https://www.iguassu.com.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

FERRARI, Alexandre; MEDEIROS, Vanise. Na história de um gentílico, a tensa inscrição do ofício / In the history of a demonym the tension of inscribing the occupation. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 32, 2012. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i32.615>

Foz do Iguaçu, cidade multicultural desde a origem. **H2FOZ**, 2024. Disponível em: <https://www.h2foz.com.br/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2024**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.) **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Orgs.). **Práticas Discursivas e Identitárias**. Sujeito & Língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9-33.

LAGAZZI, Suzy. Linha de passe: a materialidade significativa em análise. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 173-182, 2015. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v16i2.8638825>

MELO, Thiago Benitez. Por uma linguagem afetivamente inclusiva no “Cistema” linguístico: reflexões acerca do “pronome neutro” à luz da Teoria *Queer*. In: MARTINS, M. L.; LUNARDELLI, M. G. (Orgs.). **Análise Linguística, Ensino e Formação**: multiculturas, pluripensares, gentediversidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso* (1969). Tradução Eni Orlandi. In: GADET, F. HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2000.

Prefeitura de Foz pinta faixa de pedestres com cores do arco íris em apoio ao Dia Nacional da Visibilidade Trans. **Facebook**, 2022. Disponível em: <[https://m.facebook.com/profile.php/?id=100063668915521&name=xhp\\_nt\\_\\_fblite\\_\\_profile\\_\\_tab\\_bar](https://m.facebook.com/profile.php/?id=100063668915521&name=xhp_nt__fblite__profile__tab_bar)>. Acesso em: 30 mar. 2025.

RODRÍGUE-ALCALÁ, Carolina. Memória e movimento no espaço da cidade: Para uma abordagem discursiva das ambiências urbanas. **RUA [online]**, Campinas, SP, Edição Especial, p. 259-293, nov. 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v20i0.8638269>

VEDOVATO, Luciana; MENDES, Luan Henrique. Uma faixa no meio do caminho: o mostrar/apagar das relações de força. **RUA**, Campinas, SP, v. 30, n. 2, p. 497-521, 2024. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v30i2.8678509>

Recebido em: 27 de junho de 2025  
Aceito em: 22 de dezembro de 2025